

O assassinato que a lei não castiga

Palidos e vermelhos dias de guerra

O Sol desaparecia:—vagarosamente...:—vermelho, ensanguentado...:—como um tigre em atitude religiosa sobre a carne ainda palpitante da presa. O poente é uma selva em chamas. E as labaredas bipartem-se pelo céu e pela terra:—Envolvendo numa luz de fogo os cadáveres mutilados:—os membros retorcidos. O Sol morre silenciosamente ao fim da planície da morte.

Já o Sol morreu:—vermelho, indiferente... silencioso. Levando uma tristeza infinita no seu manto de labaredas. Na grandeza da sua agonia. Já o luz do Sol se condensou numa esponja negra:—disforme, imensa:—que desce sinistramente a chupar o sangue dos vencidos. Já os gemidos dos feridos se perdem na profundidade da noite.

..... Na profundidade da noite abre-se um olho de fogo a pestanejar. Depois outro... Outro. E a terra extremece, palpita:—como uma selva ao rugido do leão. E sente-se a treva cortada por miríades de coisas:—em furiosa carreira:—como se na terra da morte abrissem suas fauces profundas ribombos vulcões. De cá ha um silêncio mortal. Asfixiador. Quente. Depois... Ecoa um grito. Um grito coletivo. Abafado:—como de homens que gritam debaixo duma barreira que se desmoronou:—matando-os. E passam sombras na sombra imensa:—vultos apressados, sinistros. E a noite continua a pestanejar o seu olho de fogo:—gigantesco. Hediondo.

..... O sol aparece, largo, trinfante, branco...:— como uma bênção de paz a purificar a terra ensanguentada. A planície dorme preguiçosamente sob o disco luminoso que sobe. Já não ha cadáveres:—A noite tragou todos os cadáveres. A planície é imensa, parda... branca:—com manchas de sangue coagulado. Ha terra remexida:—vulcões que se abriram e fecharam. As trincheiras dormem embaladas pela alvorada esplendorosa.

..... Aguarda-se o combate. O inimigo está próximo:— para além do arame farpado:—enfarpado na terra.

..... No sector português flanqueado pelo dos francezes, os soldados esperam:—com o sorriso idiota de quem numa sessão espirita aguarda revelações. Não ha coragem nem medo. Ha expectativa para o tango da morte:—Os officiaes estão hirtos, solenes. E impenetráveis. Os soldados esperam...:—trocando sorrisos:—como garotos atraz de silveiras á espera do outro que foi roubar maçãs. Tocam ao telefone. Ha uma decepção. Do quartel general comunicam que o inimigo retirou. Há ordem de *à vontade*:— e de descansar. Anotece. E' um crepusculo palido, deloroso:— um crepusculo de renuncia. Talvez perdidas... num adejo para o infinito...duas pombas brancas. duas pombas de paz, crusam a planície adusta:—que o crepusculo empalidece.

..... E a noite encheu de negro a trincheira. A trincheira sua fogo:— a trincheira é um forno:—que o calor dos corpos alimenta. Nas cavidades mais acentuadas... nos angulos da enorme vala... ha soldados fazendo conceções mutuas de prazeres obscenos. Uns são discipulos Wilde-viciosos:— outros longinquos filhos de Onan. Ama-se a grandeza da carne na repugnante miseria da crapula. Não ha sexos:—ha carne

que sacia outra carne. E a trincheira é uma caravana de ciganos acampada no fundo dum despenhadeiro.

..... Tenuisava-se a bruma... Um manto de luz crescia entre a bruma e a planície:—separando-as:—como se a luz fosse halito poderoso da terra. E a planície aumentava, dilatava-se:—avanzando contra a bruma que fugia. Em ondas... como um oceano que se descobre... o nevoeiro marchava para o infinito revelando o grande campo deserto e esbraseado Mas... Subito o coração da nublouse que se desprendia da terra é rasgado violentamente, separado, disperso:— e uma boca se abre:— atirando na paz matinal uma esfera de fogo:— que tambem se dispersa e morre. E um ruido pesado, destruidor, abala a planície. Depois outro. E outro. O inimigo canhoneia a trincheira portuguesa. Simulara uma retirada na vespera, para avançar mais na cumplicidade da treva:—pondo em cheque a pseudo competência estrategica do quartel General. E o inimigo avança: destruidor, feroz, occulto na bruma, na treva, nos obices do terreno. Já uma granada laqueou um monte de sacos de areia. Na trincheira os soldados que dormiam despertam extremunhados:—trazendo no olhar uma interrogação de se era sonho ou realidade o inesperado ataque. E ha naqueles homens uma confusão hieroglifica:—deaspas com reticencias, de sanscrito com turco. Correm ao telefone, intentam tocar a corneta. Misturam-se atarantados:—como pernas rotas duma grande aranha. Então... Uma voz possante:—dominadora e fria, petrifica os soldados. "Ninguém se mova. Mato aquele que se mecher". E' um official novo, talvez tenente, capitão... Tem o gesto crú:—a violencia do mando. O gelado do olhar dá-lhe a impressão que morreu antes de ter medo da morte. Ou que é a propria morte espalhando a desdobração do seu eu:—que avança destruidora encobridendo-se na planície. "Peguem agora nas espingardas". Os soldados obedecem. Alguns estão quasi nus. Outros com a farda desabotoada. "Sentido!... Tomar posições!" E os soldados encostam-se debruçam-se no barranco:—pousando as espingardas sobre os sacos de areia. Ha um silencio:—interrogador... expectativo. O official estende a vista pela enorme vala:—os soldados estão unidos:—espingarda pronta a qualquer ordem.

..... Anoitecera. O velho pae inglez abriu tremen-

..... te a carta. Era do seu dilecto filho:—que a guerra arrastara para muito longe. Dizia:

..... "....e o comando geral resolveu não "dar quartel" aos alemães vencidos. "Matem-se os prisioneiros! Assassinem-se os vencidos! E' necessario fazer bailar ante a Kultura o espectro da morte:—da morte sem piedade. E' preciso vencer a Alemanha:—pela força:—ou pelo terror:—mas vencel-a!" E quando uns quatrocentos alemães desvairados pelo orgulho da derrota ficaram isolados no nosso campo, das sombras misteriosas dos alamos vetustos saiu uma cavalgada infernal:—dir-se-ia um bando de faunos á conquista da vingança. E ao saque. Eram centenas de soldados inglezes e indios:—com o sorriso do vencedor lorpa a penunbrar-lhes o rosto. Montavam possantes cavalos e caíram de baioneta aberta sobre os corpos indiferezes dos alemães. "Não ha quartel" Corriam em furia demoniaca pela planície alem, deixando dos lados uma fila extensa de cadáveres:—de seres mutilados:—contorcendo-se. Aos gemidos dos vencidos juntavam-se os urros alegres dos vencedores. E a bandeira ingleza tre-



mulava á brisa daquela tarde sangrenta:—conduzida á frente por um indiano esfingico:—sobre um magestoso cavalo branco. E a cavalgada sinistra retrocedia sobre os vencidos ainda de pé:— e os trespassava alegremente á baioneta:— como uma tempestade no coração duma selva:—a derrubar ruidosamente as arvores milenarias. Tombou o ultimo alemão. E pelo campo povoado fantásticamente de mortos:— que ainda retinham no rosto um esgar de Dor ou orgulho, correu um «Viva a Inglaterra!». — unisono, victorioso. E a cavalgada desapareceu no bosque proximo:— saciada, repleta. Depois... sorrindo... satisfeito... a um alemão que ainda gemia refocilando-se no solo, achegou-se um official inglez:—um capitão. Ficou-se alguns momentos a gozar os paroxismos do inimigo:—e naturalmente, fleugmaticamente, puchou da sua espada, brilhou-a no ar...e deixou-a cair sobre a cabeça moribunda:—que decepou. Limpou a espada na farda do mutilado e volveu a embainhal-a. Havia um si-

lencio de funel, de cripta abandonada, naquele campo de morte. O crepusculo avisinhando-se empalidecia mais o busto do nosso capitão:—que agarrou na cabeça amputada roçando-lhe a parte do pescoço na terra:—para empastelar-lhe o sangue que destilava. E ergueu-a pelos cabelos, colocando-a sobre a mão esquerda. E olhou-a:—com desdem. E abriu-lhe as palpebras recém-cerradas e cuspiu-lhe na boca que ainda retinha um ritus de agonia. Hamlet ante a caveira de Iory não tinha tanta grandeza. Já saciado, o capitão agarrou a cabeça pelo nariz e arremessou-a longe. E a cabeça rolou como uma esfera entre os cadaveres insepultos. Numa corcunda do terreno eu assistia a esta cena. Entusiasmado com o capitão:—pedindo licença para o abraçar...» Nos olhos do velho pae inglez brilhou tambem uma sombra de ternura:—ternura para o seu passado:—que a carta do filho fizera evocar.